

JB
24/4/96 7
291

Garimpeiros param a Vale

■ Presidente do Sindicato de Serra Pelada, Fernando Marcolino, comandando 500 homens, deu ordem para suspender trabalhos

Serra Pelada, PA — Josemar Gonçalves

SERRA PELADA, PA — Mais de 500 garimpeiros subiram ontem a Serra Leste, na região de Curionópolis, no Sul do Pará, e exigiram a suspensão dos trabalhos de 13 sondas que



faziam a prospecção de ouro na área. O presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Serra Pelada, Fernando Marcolino, comunicou a decisão às 9h da manhã aos funcionários da Docegeo, subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce. "Estamos determinando que vocês parem o trabalho. Ou querem que a gente faça isso à força?" O trabalho foi imediatamente paralisado e os funcionários abandonaram o local.

O movimento dos garimpeiros foi acompanhado de perto apenas por cinco agentes da Polícia Federal. Os garimpeiros, portando faixas e uma bandeira do Brasil, percorreram a encosta da Serra para verificar se todas as sondas tinham sido paralisadas e deixaram 80 homens em cada local de perfuração para impedir o reinício dos trabalhos.

A Vale do Rio Doce deixou claro que esta hipótese não irá acontecer, embora a suspensão dos trabalhos das quatro empresas contratadas para a prospecção implique num prejuízo diário de R\$ 150 mil para a Vale. As empresas envolvidas no trabalho são a Geosol, Progeo, Docegeo e Seta. Outra empresa, a Campos, desenvolvia um trabalho de reforestamento na área.

Bangladesh — O presidente da Comissão dos Moradores de Serra Pelada, Maurício Braga de Souza, afirmou que os garimpeiros não aceitarão o acordo proposto pela Vale, que quer dar emprego e moradia para os garimpeiros que ocupam a área, desde o início da década de 80. "Não somos empregados e sim patrões, porque fomos nós que encontramos o ouro aqui", disse o líder garimpeiro.

"Os dirigentes da Vale vivem numa Suécia, e querem nos tratar como se vivêssemos em Bangladesh", critica Maurício, conhecido como *Carioca*.

O geólogo responsável pela área operacional da Docegeo, Reinaldo Gonçalves, que chefiava os trabalhos na hora em que as sondas foram desligadas, retirou os funcionários da área do garimpo e agora todos aguardam uma solução para o impasse hospedados no hotel Serra do Ouro, em Serra Pelada.

O gerente geral do projeto Serra Leste, Luís Carlos Nepomuceno, ontem mesmo comunicou ao juiz de Curionópolis, Laércio Laredo, que os garimpeiros descumpriram a decisão judicial, ocupando a área garantida à empresa. Mas o representante da Vale adiantou que, se alguém tiver que acionar a polícia, será a justiça e não a empresa.

O quadro é de impasse. O direito garantido aos garimpeiros de lavra manual, em 1984, cessou durante o governo Fernando Collor e a área de Serra Pelada foi tomabada como patrimônio cultural para marcar a Saga dos Garimpeiros. A partir daí passou a valer o direito de lavra concedido antes à Vale do Rio Doce. Os garimpeiros questionam esse direito, mas a decisão final da Justiça foi favorável à empresa.

Negociação — A Vale do Rio Doce recorreu à Justiça para desbloquear o acesso à região onde a empresa Docegeo realiza sondagens na reserva de 150 toneladas de ouro, a 400 metros do solo, em área cujo direito de lavra pertence à empresa desde 1974. O juiz de Curionópolis, Laércio de Almeida Laredo, determinou ontem mesmo o desbloqueio da estrada, através de uma ação declaratória negativa de direitos dirigida às entidades representativas dos garimpeiros. Mas o juiz disse que não pretende usar a força policial para desobstruir a estrada e fazer cumprir a sentença.

"Vivemos um período delicado no município e a polícia está desgastada", disse o juiz. Ele deverá enviar à Serra Pelada um oficial de justiça para pedir aos garimpeiros que cumpram o interdito proibitório, que garante a posse da área à Companhia Vale do Rio Doce.

O juiz disse que, mesmo com a paralisação das sondas, ontem pela manhã, também não pensa em multar os garimpeiros em R\$ 10 mil por dia, como está previsto na sentença. "Moro em Curionópolis e tenho consciência de que neste momento não seria prudente, diante do quadro social", afirmou o juiz Laércio de Almeida Laredo.

Ele não acredita que a Vale do Rio Doce vá questionar a sua decisão neste momento, porque a empresa, segundo ele, também sabe das implicações de uma ação policial agora. A decisão do governo estadual de acionar a PM para retirar os sem-terra, que estavam ocupando a estrada que liga Marabá a Curionópolis foi criticada pelo juiz. "Eu jamais tomaria essa decisão, pois naquele momento havia espaço para uma negociação pacífica", disse.



Os garimpeiros liderados por Carioca subiram a Serra Leste e determinaram aos operários da Docegeo, subsidiária da Vale, que parassem as treze sondas de prospecção

"Vamos lutar até o fim pelo garimpo"

ELIANA LUCENA

SERRA PELADA, PA — O líder do movimento dos moradores de Serra Pelada, Maurício Braga de Souza, o *Carioca*, há 16 anos era corretor de imóveis em São Luís, no Maranhão, mas deixou tudo para ganhar mais dinheiro com ouro em Serra Pelada. Foi uma grande ilusão. No início, foi dono de barranco, chegou a juntar algum dinheiro, mas o ouro já estava diminuindo e ele acabou "blefado" como milhares de garimpeiros.

Hoje, aos 46 anos e com sete filhos, *Carioca* tem uma posse na encosta da serra e briga por uma indenização. "Tenho vergonha de voltar para minha cidade. Lá tinha carro, uma vida de classe média, e hoje não tenho nada." *Carioca* garante que

mesmo recebendo a indenização não voltará para o Maranhão. O líder garimpeiro diz que ganhou o apelido "por causa do sotaque", mas, na verdade, sua forma de falar nada tem a ver com a do povo carioca. O líder tem posições firmes. Não aceita ganhar uma casa da Vale do Rio Doce ou ser empregado da empresa. "Vou lutar até o fim pelos nossos direitos", desafia *Carioca*. A seguir trechos da entrevista que *Carioca* concedeu ao JORNAL DO BRASIL.

— Não tem gente que fica atraída pela proposta da Vale, de ter uma casa e um salário?

— Tem sim. Mas queremos sentar e ver o que se pode fazer. Se a Vale disse que esperou 15 anos para explorar a mina, a

gente não se importa de esperar mais. Somos os donos da mina. Enquanto não se chega a um acordo, estamos explorando um garimpo, o Baixão do Azougue, perto do buraco antigo. E dali a gente espera tirar algum ouro.

— Mas a empresa garante que só tem ouro a 400 metros de profundidade, por isso não dá mais para garimpar.

— É mentira. Tem ouro raso, a poucos palmos abaixo do chão. Estão nos enganando. Mesmo dentro do lago a gente poderia ainda estar tirando ouro, mas eles mandaram entupir o lugar e agora está cheio de água. As manobras para nos expulsar daqui são as mais diversas.

— E como vocês poderiam explorar esse

ouro?

— Os equipamentos eram muito rudimentares e grande quantidade de terra misturada com ouro voltava para o buraco. Tem muito ouro aí dentro e esse ouro é nosso. Eles falam que o garimpo ali é arriscado, mas nós sabemos como trabalhar. Hoje temos uma cooperativa que é uma empresa de mineração.

— Vocês não perderam na Justiça o direito de explorar o ouro?

— Tenho que reconhecer que os moradores acabaram deixando correr ações na Justiça à revelia, muitos não tinham interesse e nem dinheiro para pagar advogados. Agora temos um movimento popular para retomar a luta.